

105a

# FOLHETOS

DE

## Leandro Gomes de Barros

A VENDA NA LIVRARIA

### Pedro Baptista & C.

- A Força de Amor
- A morte de Alonso e vingança de Marina
- A Filha do Pescador
- Historia de Rosa e Lino. (O mal em p. ga do bem)
- A Vida e o Testamento de Cação de Fogo
- A Mulher roubada
- O Principe e a Fada
- Hist. da Donzella Theodora
- Hist. de Branca de Neve
- Hist. de João da Cruz
- O Boi-Mysterioso
- O Cachorro dos Mortos
- Os sofrimentos de Alzira
- O Reino da Pedra Fina
- A India (Hist. de Caboclo Brabo)
- A Orphã
- A Vingança de um Filho
- A Vida de Pedro Cem
- A vida completa de João Lezo
- O Nascimento de Antonio Silvino
- A Vida e os Sermões do Padre Cicero
- A Batalha de Ferrabraz e A Prisão de Oliveiros. Tirados do livre de Carlos Magno

Composto e impresso na Typ. da LIVRARIA PEDRO BAPTISTA - Guarabira.

LGB

27

FX

Leandro Gomes de Barros

O VERDADEIRO ROMANCE

## O REINO DA PEDRA FINA

COMPLETO COM

### O Rei Miseria e seus filhos

Preço 1\$000 reis

EDITORES

Pedro Baptista & C.

17, Rua 7 de Setembro, 17 - Guarabira  
Estado da Parahyba do Norte

1919

O EDITOR E PROPRIETARIO  
RESERVA OS DIREITOS DE RE-  
PRODUCCAO DE ACCORDO COM  
O ARTIGO 649 DO CODIGO CIVIL.

## Retrato do auctor



LEANDRO GOMES DE BARROS

Nasceu em 1865, no Municipio da  
Villa do Pombal, Estado da Parahyba e  
falleceu á 4 de Março de 1918, no Recife.

## Aos leitores

---

E' esta a primeira vez que a presente obra vem de ser publicada em um folheto completo.

Ha dez annos, precisamente, em 1909, o seu auctor publicou-a em 5 folhetos diferentes, nunca porém reunindo-os em obra completa.

Chamamos a attenção dos leitores para esse romance que é de auctoría do fallecido Leandro Gomes de Barros e é de minha exclusiva e unica propriedade, cujos direitos, tenho-os reservados e registrados de accordo com as leis em vigor, achando-me habilitado á proceder contra todos os imitadores e falsificadores do alludido romance, de aqui, do Recife ou de qualquer parte do paiz.

Guarabira, Julho—1919.

PEDRO BAPTISTA.



HISTORIA DO REINO

## da-Pedra Fina

---

E' esta a real historia  
Do REINO DA PEDRA FINA;  
Do moço Moysaniel  
E da Princeza Angeltrina  
Filha do Reino Encantado  
Da tenebrosa collina.

Havia um grande paiz  
De nação civilizada,  
Aonde tinha uma serra  
De grandes pedras formada,  
Diziam que lá havia  
Uma princeza encantada.

A serra era muito alta,  
Tinha uma grande collina,  
Da serra descia um rio  
D'agua muito crystalina,  
Via-se escripto nas agnas:  
—PRINCEZA DA PEDRA FINA.

Na serra ninguem subia,  
Nem de perto se olhava  
Porque do centro da serra  
Vinha uma voz que bradava :  
—Faça alto! quem vem lá?  
Depois ás armas chamava.

Bem no cume da montanha,  
Se ouvia musica tocar,  
Bater palmas, gritar vivas,  
Subir foguetes no ar,  
Ruflar tambor, tocar hymnos  
E fortaleza salvar.

Disse um velho caçador  
Que uma noite estando alli  
Viu uma bella princeza,  
Que lhe disse—saia dahi  
Meu noivo está se creando  
Muito distante daqui.

Em um paiz mui distante  
Tinha um velho agricultor,  
Que desde a sua infancia  
Que era cultivador,  
Elle, a mulher e tres filhos  
Viviam nesse labor.

Aos primeiros raios do sol  
Elles ao trabalho iam,

A mulher levava almoço  
No trabalho elles comiam,  
Quando regressavam á casa  
Então jantavam e dormiam.

Um dia quando a mulher  
Não poudé almoço levar,  
Elles estavam no serviço  
Sem ninguem inda almoçar,  
Assim que deu meio dia  
Foram todos descansar.

Dizia o filho mais velho :  
—Eu só queria hoje achar  
Uma sopa de verdura  
Para esta fome matar,  
Um pão de milho com vinho  
Que eu comesse a me fartar.—

Dizia o immediato  
—Eu agora só queria  
Uma perna de carneiro,  
E assim me satisfazia,  
Uma sobremeza de fructas  
Que hoje mais nada eu comia.—

Disse o mais moço de todos  
—Minha cousa desejada  
Era que eu fosse no paiz  
La da princeza encantada,

Deitar-me no collo dellz;  
Não desajava mais nada. —

O velho quando ouviu isso  
Exclamou: oh! malcreado!  
Me faltas com o respeito,  
Estaes hoje insubordinado?  
Deu-lhe ahi com o bastão  
Que estava junto encostado..

Então o rapaz correu  
Pelo mundo a procurar  
Um paiz muito distante  
Que o pae não o fosse buscar,  
Então nas quintas do rei  
Foi que poudes se empregar.

O rei tinha duas pedras  
Na corôa imperial,  
Perdeu uma e não achou mais  
Outra que fosse igual,  
Tinha já gasto por isso  
Uma somma colossal.

Moysaniel era o nome  
Do turbulento rapaz,  
Já decorriam dois annos  
Que tinha deixado os paes,  
Vivendo em paiz extranho  
Em attribulações fataes.

O rei tinha um horteleiro  
De alma muito infiel,  
Egoista, ambicioso,  
Faccidioso e cruel,  
Levantou uma calumnia  
Ao pobre Moysaniel.

Disse a sua magestade,  
Que Moysaniel dizia  
Que sabia aonde tinha  
A pedra que o rei queria,  
Mas, não gostava do rei,  
Por isso não a trazia.

O rei mandou chamal-o  
E lhe disse: Vá procurar  
Outra pedra igual áquella,  
Se acaso não encontrar,  
Depois que chegar aqui,  
Eu lhe mando degollar.

Sahiu elle muito triste,  
Por uma deserta estrada,  
Sem saber aonde fosse  
Ver a pedra desejada  
Foi parar casualmente,  
Na dita serra encantada.

Passou com muito trabalho,  
A cerca de pedraria,

Chegou á margem do rio  
Que da montanha descia,  
Deitou-se alli sobre a relva,  
Emquanto a lua sahia.

Estava pensando na vida  
Quando viu se approximar  
Um veado todo branco  
Vir a seus pés se curvar  
E dizer : Minha senhora  
Disse que fosse ceiar.

Perguntou elle ao veado :  
Quem é a tua senhora ?  
Respondeu-lhe : E' prohibido  
Dizer quem é, e onde mora.  
O veado entrou no rio,  
Mergulhou e foi embora.

Elle ahi ficou pensando  
Quem era aquelle veado  
E que mulher seria aquella,  
Que lhe mandava o recado.  
Depois lhe veio na mente,  
Não fosse o reino encantado.

Olhando aquella montanha,  
Tão solitaria e deserta  
Viu uma furna de pedra,  
De bocca enorme e aberta

E ouvia dizer de dentro  
—A's armas! sentinella! alerta!

Elle olhando para a furna  
Ouviu uma voz lá do centro  
Que disse: —Moysaniel  
Vem pernoitar aqui dentro!  
Elle disse receioso:  
—Demore um pouco que eu entro.

Surgiu na bocca da furna  
Um lampeão de crystal,  
Adeante viu noutra lampada  
Sobre um mezão de metal  
Escripto em letras de ouro:  
—Gabinete Imperial.

Adeante tinha noutra sala  
Uma lampada accesa,  
Dez jarros de porcelana  
Com flores da natureza,  
E um quadro onde tinha escripto:  
—Guardede Deos a Sua Alteza.

Ahi uma voz lhe disse:  
Preste aqui toda a attenção  
Que nesta sala sublime,  
Tudo aqui tem perfeição  
E elle viu em madriperola  
—Sala para refeição.

Estava um mezão de marfim  
Com um rico toalhado,  
Uma cadeira de estufa,  
Um talher de ouro lavrado  
Com a maior perfeição  
Que já se viu no passado.

Moysaniel olhou tudo  
E um só ente não viu,  
Quando uma voz feminina  
De junto d'elle sahiu  
E deu-lhe uma pedra dizendo:  
E' esta a que o rei te pediu.

Desembrulhou ahi mesmo  
Um cofrinho de platina,  
Tinha uma pedra embrulhada,  
Num lenço de purpurina,  
Com um cartão em que se lia:  
—PRINCEZA DA PEDRA FINA.

—Moysaniel vae dormir,—  
A mesma voz lhe dizia,  
Entrou elle para um quarto  
Do maior luxo que havia,  
Ahi sentiu um contacto  
De um corpo que ninguem via.

Ainda viu uma mão  
De uma côr alabastrina,

Uns olhos grandes e vivos  
De uma luz diamantina,  
Viu escripto nas cobertas:  
—PRINCEZA DA PEDRA FINA.

Disse-lhe a voz invisivel:  
—Levanta-te que já é hora,  
Antes de dar meia noite  
Tu te has de ir embora,  
Já mandei vir um onagro  
Que te vae botar lá fóra.

Não importes o que ouvires,  
Nada tens que responder,  
Não faças pergunta alguma  
Sob pena de morrer,  
Faças o que estou dizendo,  
E nada te ha de acontecer.

E' prohibido eu te dizer  
O quanto isto aqui é serio,  
Apenas digo: esta serra  
Já foi soberbo imperio,  
Porém inda não é tempo  
De descobrir o mysterio.

Tornou a lhe dizer a voz:  
Monta-te e deixa esta terra,  
O onagro sahiu com elle  
Depois que desceu a serra,

Ouviu soar meia noite  
E tocar caixa de guerra.

Quando o dia amanheceu,  
Já elle tinha chögado,  
Foi para seus aposentos,  
Pousar que estava cansado,  
O horteleiro pensava  
Que elle seria degolado.

Dormiu até ás dez horas,  
A's onze se levantou,  
Deu um passeio pela rua,  
Foi ao hotel, almoçou,  
Disse:—agora vou levar  
O que o rei me encommendou.

Pediú licença e subiu  
Já com a pedra ña mão,  
O rei quando viu a pedra  
Cousou-lhe admiração,  
Elle perguntou ao rei:  
—Será esta a pedra, ou não?

—E' esta: o rei respondeu,  
Estou-lhe muito obrigado,  
Lá no thesouro já tem  
Um dinheiro separado  
Vá receber dois milhões  
Em paga de seu achado.

O horteleiro que estava  
Toda conversa escutando,  
Ouviu tudo que o rei disse,  
Voltou em brazas pisando,  
Dizendo com seus botões:  
—Eu estava bem me enforcando.

Então se põe a estudar  
O que havia de fazer,  
Estudando outra calumnia  
Que não deixasse de ser  
O plano mais acertado  
Para Moysaniel perder.

E maquinou como um cão  
Um plano muito nefando,  
Escumando enraivecido  
Elle foi logo estudando  
Para convencer o rei  
Do moço estar enganando.

E foi á presença do rei  
Pedindo a pedra para ver,  
Examinou-a e depois disse:  
—Vossa Alteza pode ter  
Toda certeza se é bôa  
Mandando-o outra trazer.

E examinando a pedra,  
Disse o horteleiro, é bôa,



Mas inda ficava melhor  
Com outra no centro da corôa,  
Só tendo as duas da frente  
A cravação ficava á tôa.

Dizia o tal horteleiro :  
Sua Real Magestade  
Obrigue a elle vêr outra  
Dessa mesma qualidade,  
Diz elle que onde achou esta  
Deixou grande quantidade.

E tanto illudiu o rei,  
Que este mandou chamar,  
Moysaniel e lhe disse :  
Você tem que procurar  
Outra pedra igual a essa,  
Ou morrer se não achar.

Moysaniel ficou triste,  
Sem saber o que fizesse,  
Tornar á serra encantada,  
Dêsse o caso no que dêsse,  
Depois dizia comsigo :  
—Quem sabe o que me acontece.

Se eu não fôr procura!-a  
O rei manda me enforçar;  
Se eu fôr á serra encantada  
Estou no risco de encontrar

Qualquer phenomeno alli  
Que venha me liquidar..

Porém minha sorte é esta  
Já vê que ha de ser cumprida,  
Pelo carrasco da morte  
Minha sentença foi lida,  
Me largarei pelo mundo  
Buscando a morte ou a vida.

Não consultou a niguem  
Por onde devia seguir;  
Dizia comsigo mesmo,  
Pelo caminho que partir  
Inda sendo errado, é certo,  
Ando até me concluir.

Então ahi se largou!  
Por uma deserta estrada,  
A' noite deu com uma casa;  
Mas esta deshabitada;  
Ouviu uma voz lhe dizer:  
Que vens ver nesta morada?

Disse elle: eu venho perdido  
Não conheço estas estradas.  
Então uma voz lhe disse:  
—Este sitio é de tres fadas  
Aqui existe um enygma  
E cousas que são reservadas...

Ahi veiu uma mulher  
Perguntando aonde estás?  
Por uma pequena asneira  
Tu despresaste teus paes,  
Andas mettido em segredo  
Fortuna não terás mais.

Tu fostes\* o cavalheiro  
Que foi á serra encantada?  
Que recebeu um presente  
De uma pedra desejada?  
Por uma mão invisivel  
Que ficou apaixonada?

Disse elle—fui eu mesmo  
Que recebi o presente  
Daquella mão benfeitora  
Que encontrei casualmente.  
Ella livrou-me da morte  
Que me esperava cruelmente.

Disse-lhe a dita mulher :  
—Faça-se disso esquecido,  
Aquella mão encantada  
Que tanto te tem illudido,  
Será ella toda a origem  
Porque serás destruido.

Disse-lhe então : venha cá,  
Veja não trôe as pisadas;

Entrou com elle num quarto  
Mostrou-lhe alli tres espadas  
E lhe disse : estas aqui  
São tres irmãs encantadas.

A mulher quiz encantal-o  
Em um animal grutão,  
Não pode, devido elle  
Ter um Signo-Salomão  
Que não havia esse magico  
Que n'elle puzesse a mão.

Ella depois lhe disse :  
Não prosiga esta jornada,  
Fique aqui, nós o guardamos,  
E não lhe faltará nada  
Com a condição de você  
Não ir á Serra Encantada.

Então elle ahi pensou  
Depois da fada ir embora :  
—Não devo ficar aqui,  
Hei de seguir mesmo agora,  
Me considero perdido  
Não admitto demora.

Seguiu por um vasto campo,  
Era um deserto esquesito...  
Não havia um arvoredo  
Que sedisresse : é bonito!

Se via lá uma ou outra  
Estrella no infinito.

Tinha a noite terminado,  
O dia vinha rompendo  
Quando elle achou um leão  
Prostrado no chão, gemendo,  
Com um tiro de um caçador  
A féra estava morrendo.

Elle chegou ao leão  
Deu-lhe agua, elle bebeu,  
Tirou a carne que trazia  
Deu á féra e ella comeu;  
Depois buscou uma sombra  
Fez um fogo e se aqueceu.

Ao cabo de quatro dias  
Chegou na Serra Encantada.  
Passou a cerca de pedra  
Seguiu por uma esplanada,  
Da comida que trouxera  
Não lhe restava mais nada.

Chegando á margem do rio  
Na campina se deitou,  
Adormeceu de repente  
E com uma joven sonhou,  
Cuja visão deste sonho  
Do lethargo o despertou.

Elle despertando alli  
Inda viu uma figura;  
Como não julgou que houvesse  
Corpo de tanta candura,  
Perguntava elle a si proprio:  
Quem fez tanta formosura?

Seria Deus a proposito  
Que fez aquella deidade?  
Só Deus póde fazer um ente  
Com tamanha raridade,  
Um anjo que póde ter  
Vinte e dois annos de idade!...

Então perguntava elle:  
Quem és tú? linda menina!  
Humana sei que não és,  
Serás miragem divina?  
Respondeu: Sou a Princeza  
Do REINO DA PEDRA FINA.

—Entra para a mesma sala,  
Onde estivestes outro dia,  
Elle passou todas as salas  
Que dentro da casa havia,  
Adeante deu num salão  
E a mesma voz lhe dizia:

—Te approxima d'esta mesa  
E faz uma refeição.

Tinha muitas iguarias,  
De fructas, vinhos e pão,  
Viu a sombra de um copeiro  
A' sua disposição.

Disse-lhe a voz invisivel:  
Nada pódes perguntar,  
Como tambem eu a ti  
Não posso nada explicar,  
Tua fortuna está perto,  
Não custa muito chegar.

Toma a pedra que o rei te pede.  
Entrega-lhe e vem embora,  
Está um onagro, monta n'elle.  
Que irá deixar e lá fóra,  
Lá, peças licença ao rei,  
E voltes sem ter demora.

Voltou elle com a pedra  
Deu á Sua Magestade  
E disse: eu quero licença  
Para deixar a cidade,  
Estou prompto para servir-o  
Em qualquer necessidade.

E sahiu sem ter demora  
Foi ter na casa das fadas,  
Ellas não estando presente,  
Elle roubou as espadas.

As quaes, a fada lhe disse  
Serem moças encantadas.

Assim que elle fez o roubo,  
Sahiu d'alli escondido,  
Correu a noite e o dia  
Pelas fadas perseguido,  
Então deu com o leão  
Que tinha achado ferido.

O leão sahiu com elle  
Para ninguem offendel-o,  
Uma fada vinha atraz  
Passou e não poude vel-o,  
Devido ao leão deitar-se  
Encobrando-o com o seu pello.

No pé do Monte Encantado  
Ahi o leão parou,  
E pela cerca de pedras  
Elle com pressa passou.  
Uma fada vinha atraz  
Viu elle entrar e voltou.

Quando elle avistou o rio  
As tres espadas tiniram,  
Rufou tambor na montanha,  
Muitos foguetes subiram,  
O rio parou as aguas,  
Todas as pedras sorriram.

Ahi chegaram tres moças  
Que inda vinham encantadas,  
Elle ahi viu claramente  
Dessas tres recém-chegadas,  
Uma sombra que sahiu  
Desmanchou as tres espadas!

Quando as espadas se sumiram  
Tres moças se apresentaram,  
Todas tres com cortezia  
A elle cumprimentaram,  
Dizendo: nestas espadas  
Tres fadas nos encantaram.

Então, disseram as tres moças,  
Nós estamos desencantadas,  
Porque os nossos mysterios  
Estavam nas tres espadas,  
Que ha mais de tres mil annos  
Estavam em poder das fadas.

As fadas tambem levaram  
Daqui, o sceptro real,  
A corôa de meu pae,  
Tambem levaram, afinal,  
Appareça o desencante  
Que cessa aqui todo o mal.

Mas isto está tão occulto  
Que ninguem póde encontrar,

As fadas esconderam elles  
Para ninguem mais achar,  
Moysaniel disse: eu vou  
Fazer geito de encontrar.

Sahiu, adeante encontrou  
A tribulação de um rato  
Que já estava quasi morto  
Nas presas de um grande gato,  
Elle tomou o rainho  
E soltou logo no matto.

Então o rato lhe disse:  
—Se precisares de mim,  
Chega no pé d'este monte  
E basta dizer assim:  
—Ai! de mim, rato das neves;  
Seras servido por fim!

Adeante estava um tatū  
Entre tres pedras morrendo,  
Elle tirou as tres pedras  
Que o peso estava fazendo,  
E disse-lhe: vá embora!  
O tatū sahiu correndo.

Adeante o tatu parou  
E disse: se inda se vir  
Em qualquer tribulação,  
Vendo que o posso acudir,

Chame por mim neste campo  
Que não tardarei a vir.

Depois achou um carneiro  
Dentro do mar se afogando,  
Entrou n'agua, tirou elle,  
E disse—fique pastando,  
Eu tambem sou como tú  
Ando no mundo vagando.

Então o carneiro lhe disse:  
Se algum dia precisar  
De mim para qualquer cousa,  
Póde vir que me ha de achar,  
Eu moro aqui neste campo  
Querendo póde chamar.

Estava Moysaniei  
Perto de uma encruzilhada,  
Observou a conversa  
De um genio com uma fada,  
A fada contou ao genio  
Tudo da Serra Encantada.

Disse que o scéptro e corôa,  
Estavam em logar reservado  
Porém estavam n'uma cova  
N'um quarto muito trancado,  
Não havia quem lá entrasse,  
Por estar muito vigiado.

A cova dos objectos  
Tinha uma enorme fundura,  
E as paredes do quarto  
Tinham um metro de grossura.  
Tambem tinha um cão de fila,  
Sentinella bem segura.

Tinha uma cobra de bronze  
Que ajudava á pôr sentido  
E quem quer que fôsse lá  
Era por ella engolido.  
O cão entre os animaes  
Era sempre o mais temido.

Moysaniei ouviu tudo  
Que a fada ao genio dizia  
E disse:—hei de me arriscar  
Até descobrir um dia!...  
Lembrou-se então das promessas  
Que o rato sempre fazia.

Foi ao rato e ao tatú,  
Contou o que era passado,  
Foi aonde estava o leão  
E lhe disse: estou vexado,  
Então o leão lhe disse:  
Tem ás ordens um creado.

Então os tres combinaram;  
O tatú, o rato e o leão,

Disse o rato—eu puxo o sceptro,  
O tatú—eu cavo o chão,  
O leão disse—e eu acabo  
Com a serpente e o cão.

Botaram-se para lá;  
O leão, logo investiu,  
O carneiro foi á porta  
Com uma marrada a abriu,  
O leão matou o cachorro  
E a serpente fugiu.

O tatú minou a cova,  
O sceptro, o rato puxou,  
A corôa que estava junto  
O tatú a arrastou,  
Então de dentro uma voz  
Lhes disse: desencantou!

Começa aqui meu leitor  
A conclusão dessa historia,  
O combate que elle teve  
Para alcançar a victoria,  
Como elle casou com ella  
Por causa de uma memoria.

Moysaniel quando viu  
Todos os objectos fóra,  
Abraçou todos os bichos  
Lhes dizendo: eu vou embora,

Parece que todo o enygma  
Foi desencantado agora.

Os bichos se retiraram  
E Moysaniel seguiu,  
Adeante encontrou o onagro  
Montou-se n'elle e sahiu,  
Chegou na cerca de pedra  
Ahi o monte sorriu.

Desembrulhou a corôa  
E o sceptro que trazia,  
Ahi ouviu um estrondo  
E uma voz que dizia:  
Acabou-se todo o encanto  
Que aqui n'este reino havia.

Moysaniel viu então  
Se transformar o oiteiro,  
A montanha era uma praça,  
O rio era um banheiro,  
O onagro era um criado,  
O veado um jardineiro.

Agora vamos tratar  
Do resultado que deu,  
O rei o que disse a elle  
Quando tudo recebeu,  
E como a Moysaniel  
Esse rei agradeceu.

bluc  
5050

Quando o rei desencantou-se  
Viu que Moysaniel vinha  
E a corôa e o sceptro  
Moysaniel já os tinha,  
Ficou ahí como louco  
Deu parte logo á rainha.

Vieram encontrar com elle ;  
O rei contente, vexado,  
Moysaniel tirou tudo  
E se pondo ajoelhado,  
O rei tomou-lhe das mãos,  
Nem disse muito obrigado.

Depois chegaram tres moças  
Cada uma, o abraçou  
Disse a mais velha de todas  
A's tuas ordens estou.  
Que meu pae queira quer não  
A mão de esposa te dou.

Chamavam-se essas tres moças  
Algra, Lupi e Angeltrina,  
Angeltrina era a mais velha,  
Parecia ser divina,  
Era a que tinha direito  
Ao REINO DA PEDRA FINA.

Então Angeltrina disse :  
Se meu pae quizer se oppôr,

Você não saia d'aqui  
Eu serei a teu favor,  
Me casarei com você,  
Seja por qual forma fôr.

Puxou do seio uma caixa  
Onde tinha uma memoria,  
Entregou-a a Moysaniel  
Dizendo: eis uma gloria,  
Emquanto tiveres esta  
Pódes contar com a victoria.

A memoria era de ouro  
Cravada com pedrarias,  
A qualquer hora da noite  
Tinha o clarão de tres dias,  
E lhe disse então: essa tem  
O que tú não avalias.

Angeltrina foi ao rei  
Com calma lhe perguntou:  
Meu pae, o que dá ao homem  
Que o reino desencantou?  
A morte!—o rei respondeu:—  
E' o premio que eu lhe dou.

Oh! meu pae! exclamou ella  
Isso é muita ingratição.  
Moysaniel lutar tanto  
E ter tal gratificação,



Uma pena tão cruel,  
Isso é não ter coração!

Meu pae, se lembre que disse  
Que se pudesse encontrar  
Quem desencantasse o reino  
Tinha de o gratificar,  
Com uma de suas filhas  
Elle havia de casar?

Então exclamou o rei:  
Achas que eu devo casar  
Uma das filhas que tenho  
Sem primeiro consultar  
De quem procece este homem,  
Se é de sangue, ou titular?

Sem saber se sua origem  
Seja de sangue real?  
Hei de casar minha filha  
Com pessôa desigual?  
Sem ser de linhagem nobre,  
Fazendo assim, obro mal!

Exclamou ella: meu pae!  
Existe ahí um motivo,  
A distincção de um monarcha  
Só é enquanto elle vivo,  
As cinzas de um soberano  
São as mesmas de um captivo.

Disse a rainha: eu agora  
Preciso entrar nesse meio,  
Como casa uma princeza  
Sem saber de onde veiu  
Esse que a vae desposar?  
Para um monarcha, isto é feio.

Disse Angeltrina: tambem  
Se ahí meu pae reflectisse  
Minha mãe como rainha  
O contracto não anuisse;  
E' desairoso um monarcha  
Tornar d'aquillo que disse.

O rei levantou-se e disse:  
Eu não hei de despensar  
Se você lhe prometteu  
De a mão de esposa lhe dar,  
De hoje em diante pense n'outro,  
Eu o mando degollar,

Angeltrina retirou-se  
Com essa taça de fél  
E mandou rapidamente  
Dizer a Moysaniel,  
Que o rei lavrou para elle  
Uma sentença cruel.

Mandou lhe dizer tambem  
Que não largasse a memoria,

Que enquanto tivesse ella  
Teria certa a victoria  
E não perdesse a esperança  
Que alcançaria esta gloria.

Moysaniel consultou  
Com a memoria que tinha  
E a memoria lhe disse  
Como seu carrasco vinha,  
Deu-lhe uma folha de matto,  
Uma pedra e uma varinha.

Disse a memoria: esta folha  
Fórma uma matta escura,  
Esta varinha uma cobra  
De pelle caspenta e dura,  
E esta pedra um leão  
De gigantesca figura.

Quando foi no outro dia  
O rei viu que era hora,  
Disse a um general d'elle  
Chame praça e vá agora,  
Prender a Moysaniel  
E pôr-lhe a cabeça fóra.

Moysaniel a es'a hora  
Ainda estava deitado,  
Quando ouviu bater na porta  
E lhe dizer um soldado:

Moysaniel se levante,  
Você vae ser degolado.

Elle pegando a varinha,  
Disse: quero uma serpente!  
Apresentou-se uma cobra  
Grossa monstruosamente  
Com sete linguas na bôcca  
E em cada lingua um dente.

O general correu logo  
Com a força que levou,  
Chegou sem poder falar  
Nem dizer o que encontrou.  
Quando disse tudo ao rei  
Elle em ouvir se assombrou.

Disse a outro official  
Que levasse um batalhão,  
Elle foi e chegou lá  
Annunciou-lhe a prisão,  
Moysaniel disse á pedra  
Quero de ti um leão.

Ahi cresceu um leão  
Rugindo com a voz rouca,  
Deitando fogo dos olhos  
E fumaça pela bôcca,  
Cada rugido que dava  
A tropa ficava môca.

Ahi o official  
Tratou logo de correr,  
Disse á sua magestade :  
Eu nada pude fazer  
Pois o homem é encantado,  
Quem fôr lá tem que morrer.

Disse o rei : agora eu vou  
Quero ver esse leão  
Ou esta serpente grande  
Que causa admiração,  
Agora tem de se ver  
Se elle hoje é morto ou não.

Seguiu' com cento e dez praças,  
Quando chegou no jardim,  
Foi dizendo : Moysaniel  
Conheças que has de ter fim.  
Moysaniel respondeu :  
—Não ha Rei que mate a mim.

Pegou a folha de matto  
E disse quero um tecido  
De um mato cheio de espinho  
Por todos desconhecido,  
Que faça qualquer pessoa  
Dentre elle ficar perdido.

De repente appareceu  
Uma selva muito escura

Aonde não passaria  
A mais forte creatura,  
Então o rei disse : aqui  
Mudou tudo de figura.

O rei logo que se viu  
Dentro do matto trancado,  
Vendo a hora e o instante  
Que morria asphyxiado,  
Chamou por Moysaniel  
Com echo muito abafado.

Moysaniel perguntou-lhe :  
O que quer a Magestade?  
—Quero que você me acuda,  
Tenha de mim piedade,  
Estou morrendo aqui sem folego  
Me ajude por caridade.

Então Moysaniel disse :  
Só lhe acudo se me dêr  
A sua filha Angeltrina  
Para ser minha mulher.  
Disse o rei quasi morrendo :  
Dou-lhe até tres se quizer.

D'agora em deante o senhor  
Se tenha por genro meu,  
Moysaniel desmanchou  
A matta que appareceu,

Casou nesse mesmo dia  
Eis o caso em que se deu.

Casou-se moysaniel  
Tornou-se um homem feliz,  
Depois morreu o monarcha,  
A propria rainha quiz  
Que elle fosse corôado  
O rei d'aquelle paiz.

No dia do casamento  
Moysaniel teve um sonho  
Em que alguém lhe dizia:  
«De tua sorte disponho,  
«Ainda has de ter riqueza,  
«Mas, contra isso me opponho.

«Desencantarás o rio  
«Que se mudará em ouro  
«Mas, gozarás pouco tempo  
«O fructo desse thesouro,  
«Pois teu pae irá soffrer  
«E acordarás com um choro.»

O rio era uma mina  
Que se mudara em banheiro,  
Moysaniel acordando  
Desencantou-o ligeiro,  
E entre os ricos do mundo  
Foi tido como primeiro.

Eu que contei a historia  
Não sei quanto ganhei,  
O nome de alcoviteiro  
De um amigo já levei,  
Este nome de onze lettras  
Que toda vida abusei,

Contar grandeza dos outros  
Sem cousa alguma ganhar  
E' fazer guizados optimos,  
Dá aos outros e não provar,  
Chama-se isso fazer cama  
Para alheio noivo deitar.

Feitor eis aqui a historia  
Exacta da Pedra Fina;  
Angeltrina e Moysaniel  
Não desprezaram a signa,  
Deus a elles protegeu,  
Riqueza muita lhes deu  
O desencante da mina.

Recife, Dezembro de 1909.

FIM

*Falei  
Recife  
1909*



## O Rei Miséria

Caro leitor, eu não gosto  
De escrever historia séria  
Porque as pessoas boas  
Apreciam mais pilheria.  
Sou obrigado a escrever  
A vida do Rei Miséria.

Acabando esse trabalho,  
Se acaso sahir bem feito,  
Que qualquer leitor que leia  
Fique amplo e satisfeito,  
Tratarei dos filhos d'elle;  
Vou ver se a cousa tem geito...

Um homem corria a terra...  
Depois de ter percorrido  
As cinco partes do mundo  
Em trajes de foragido,  
Deu com uma habitação  
Que ficou surpreendido.

Chegando numa montanha  
Lá viu uma habitação;  
Uma côrte muito velha  
Coberta só por melão.  
Tinha um velho muito triste  
Escorado num bastão.

O velho mettia medo  
De longe até se espiar,  
Só a presença do velho  
Fazia a chuva parar,  
Nem alma do outro mundo  
Fazia tanto assombrar.

Magro que só urubú,  
Muito mais feio que o perigo.  
O couro era um casco secco  
De quem veio por castigo,  
Sujo que só monturo,  
Pobre que nem um mendigo.

A casa muito de perto  
Representava um vulcão,  
Um gabinete que tinha  
Parecia uma prisão,  
Ou cemiterio de engenho  
Quando havia escravidão.

Tinha um salão separado  
De onde sahia fumaça

E granito de carvão  
Que tomava toda praça,  
Aonde havia uma velha  
Feia que só a desgraça.

Tinha tão finas canellas  
Que só as de um sabiá,  
Cobertas de couro preto  
A fórma de um jundiá,  
As unhas dos pés da velha  
Eram ver cará-cará.

A lingua estreita e comprida  
Como a de um papagaio,  
Para o logar que ella olhava  
Via-se indício de um raio  
Se balançando e descendo :  
Me peguem senão eu caio.

A velha olhou-o e sorriu  
Botando as presas de fóra,  
Fechou e abriu outra vez...  
Disse o homem :—vou-me embora,  
Esta velha é a desgraça,  
Nasceu por aqui ou mora,

Perguntou o homem ao velho  
Com physionomia séria :  
—Que morada é esta aqui?  
E' habitação funerea?

Respondeu-lhe ; é uma côrte,  
E eu sou o rei Miséria.

Esta velha que estás vendo  
Feia e magra, é mulher minha,  
Aquelle cêpo é um throno,  
A velha é uma rainha,  
E' aquella quem despacha  
Papeis da sorte mesquinha.

E tudo obedece á ella,  
Se humilha quando aqui passa,  
O que ella manda fazer  
Não ha mesmo quem não faça,  
Aquella tem toda força,  
E' a rainha Desgraça.

Aquella, todos que a vêem,  
Correm d'ella, dão-lhe figa,  
Aquella é quem tem a chave  
Que abre as portas da briga,  
Aquella planta barulho,  
Nasce crime, odio e intriga.

Então disse o rei Miséria :  
—Eu quero saber tambem  
O senhor aonde mora,  
A que negocio é que vem,  
Se tem nome ou appellido,  
Se é mandado por alguem.

—Eu me chamo Sabatani,  
Venho do mundo da lua,  
Nasci dentro de um fogão,  
Criei-me no meio da rua,  
Não poderás censurar-me  
Minha vida é como a tua.

Vou por aqui sem destino,  
Não foi ninguém que mandou,  
O infortúnio assim o quiz,  
A sorte me auctorizou,  
São ordens que ella me dá,  
Onde ella mandar eu vou.

Já vi todos os phenomenos,  
Do mundo, da humanidade,  
Agora me falta vêr  
A velha Felicidade,  
A miseria vi agora,  
Sua Real Magestade.

O velho lhe disse então :  
Se acaso não quer sahir,  
Eu ordeno ao meu vassallo  
Que dê-lhe aonde dormir,  
Querendo espere um pouquinho,  
Deixe o pesadello vir.

Amanhã vou com você...  
O homem ahi suspirou

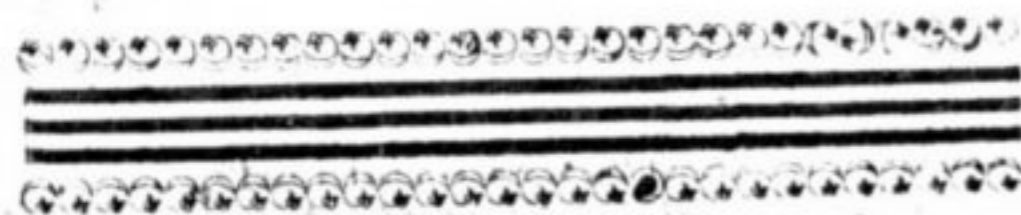
E a rainha Desgraça,  
Disse a elle; eu tambem vou.  
Disse o homem: condemnada,  
Vae morder quem te gerou!

Disse a elle o rei Miséria :  
—Sae agora porque quer,  
Querendo pôde ficar  
Commigo e minha mulher,  
O tratarei como filho,  
Dou-lhe tudo que quizer.

Disse o homem: meu amigo,  
Eu lhe estou muito obrigado,  
Da miseria corro eu,  
Ando aqui ex-patriado,  
Da desgraça Deus me livre,  
Fique-se lá derrotado.

FIM





## Os Filhos do Rei Miséria

Os filhos do Rei Miséria  
Foram: Azar e Desgraçado.  
Depois nasceram mais dois,  
Sem Sorte e Desconsolado,  
Depois nasceu a Derrota  
Casou com mal Aditado.

Desse desditoso par  
Foi que veio a geração  
De official de justiça,  
Juiz de orphão e escrivão  
Fiscal e conductor de trem  
Collector e sachristão.

Do official de justiça  
Nasceu o advogado  
Do juiz, nasceu o medico,  
Do medico foi o soldado  
Do soldado foi o frade,  
Dizem que foi enganado.

O escrivão que se casou  
Com uma mulher parteira  
Tiveram d'esse consorcio  
Um procurador de feira  
Nasceu do procurador  
Um cobrador de barreira?

Do cobrador de barreira  
Nasceu o aferidor  
D'este nasceu o alfaiate,  
Do alfaiate o pintor  
Do pintor, o furileiro  
Parente do inspector.

Então casou-se o juiz  
Com uma irmã de caridade  
Esses tiveram dois filhos  
Uma freira e um abade  
A freira era muito bella  
Casou-se com um tio mais tarde.

Então nasceu da biata  
Um dentista e um ferreiro  
Nasceu do ferreiro um chefe  
O chefe teve um oleiro  
O oleiro teve um carpina  
O carpina um sapateiro.

Do fiscal nasceu o cégo  
E do cégo a lavadeira,



E da lavadeira a ama,  
Da ama a engommadeira  
Da engommadeira o guia,  
Do guia então a fateira.

Teve o sacristão dois filhos:  
Leiloeiro e boticario,  
De um d'esses, foi que nasceu  
O primeiro missionario  
Agora não sei dos dois  
Quem gerou o secretario.

Parece que de um typographo  
Foi que veio o conductor  
Do conductor, o carteiro  
Do carteiro o jogador  
Do jogador veio o rato  
E do rato o talhador.

O talhador se casando  
Com a filha do marchante,  
Do casal só houve um filho  
Que foi o commerciante  
Que nasceu com cada unha  
Que só dente de elephante.

O collector se casou  
Com a mãe do machinista  
Só tiveram 4 filhos.  
Um guarda freio, um foguista,

Sendo o mais velho um ourives,  
A caçula, uma modista.

Ninguém sabe de onde foi  
Que vieram os trapicheiros  
Domno de hotel, redactor,  
Senhor de engenho e caixeiro.  
Creio que estes foram feitos  
Onde se fez o bicheiro.

Isso foi o que me disse  
Pessoa que é muito séria  
Homem que tem mil annos  
E nunca soltou pilheria  
Diz que esta tribu pertence  
Aos filhos do Rei Miséria.

Diz elle: que está a par  
Das obras do Creator  
E' filho de um missionario  
O primeiro pregador,  
A mãe d'elle era uma freira  
Filho de um coadjutor.

Esse dito velho disse:  
Que correndo as escripturas  
Encontrou a criação  
De diversas creaturas  
Diz elle que em alguns livros  
Tem estampadas as figuras

Diz ellè que Deus fez tudo  
Ficou com a obra perfeita  
Appareceu o diabo  
Pedindo a Deus a receita  
Porque queria formar  
A tribu de nova-ceita

Então Deus disse ao diabo :  
Eu não fico satisfeito  
A nova-ceita é um povo  
Que nelle só tem defeito  
Disse o diabo : deixe está  
Que eu faço e fica bem feito.

Arromou praga de mãe,  
Baba de um blasphemador  
A crueldade de Herodes  
O riso do trahidor  
Misturando com veneneno  
Eis ahi um pregador!

FIM

## AVISO

Avisamos aos srs. negociantes  
que temos em deposito grande sort-  
mento dos seguintes artigos :

— Livros em todos os generos e de  
auctores adoptados, ardosias, crayons,  
lapis, papel para escripta e para de-  
senho, mata borrão, tintas para aqua-  
rella e de escripta, compassos e lapis  
para desenho, giz escolar, cadernos  
de calligraphia vertical e americana,  
noções de desenho e pintura, borra-  
chas, furadores para papel, palhetas  
para instrumentos, giz marca "Ele-  
phante" para bilhar, caixas de papel  
e centos de enveloppes, boletins es-  
colares, cadernas para dictado, cordas  
para violão, bandolim, quadros, mol-  
duras e estampas, etc., etc.

— Todos estes artigos encontram-se  
à venda pelos preços mais baratos  
possiveis

NA LIVRARIA

PEDRO BAPTISTA & Cia.

GUARABIRA